



Entrevista Francisco Moura Veiga

(Viseu, n.1985)

Gostávamos de saber um pouco acerca do teu percurso até chegares aqui, a este teu local de trabalho. Onde e quando é que te formaste?

Estudei na Faculdade de Arquitetura de Lisboa, acabei em 2008. Imediatamente a seguir, fui trabalhar para os Christ & Gantenbein, em Basileia. Primeiro como estagiário (para a OA), depois como arquiteto – estive lá ano e meio. Teve coisas muito positivas: foi nesta altura que conheci a minha esposa, participei em três concursos, dos quais ganhámos dois, sendo um deles a extensão do museu de Arte de Basileia. E teve coisas más, com uma mentalidade de trabalho tóxica e sem respeito pela vida além-trabalho dos empregados. O turnover é enorme; há trabalho, contratam. Projetos acabam, despedem. Embora tenha sido doloroso na altura, ter sido despedido foi perfeito! Forçou-me a ir para um atelier pequeníssimo, “Trinkler Stula”, com cinco pessoas, onde estive três anos. Foi aí onde aprendi alemão, a gerir uma obra, a estar em 3-4 projetos ao mesmo tempo sem fazer horas extra. Em 2014 fundei a revista Cartha Magazine, em conjunto com a Matilde Girão, e o meu atelier, A Forschung. Em 2015 comecei a trabalhar no “Burckhardt Partner”. Passei mais uma vez para uma realidade diferente, a da arquitetura comercial de grandes dimensões.





Em paralelo, com a Cartha e com o meu atelier, pude desenvolver o trabalho de edição, curadoria e prática artística que levou a participações na Bienal de Veneza, na Trienal de Lisboa, nomeação para os Swiss Art Awards em Edição e Curadoria (2016) e na Future Architecture Platform com a Cartha, e na Trienal de Lisboa (2019), convites para palestras e júris na ETH, Weimar, FHNW e integração como membro da Visarte Schweiz com o A Forschung. Em 2018 comecei a carreira académica ao integrar VOLUPTAS, a cadeira dos Made in na ETH, em Zurique. O mandato da cadeira é de 20 anos e eu tive a sorte de começar no primeiro. Agora, como assistente e doutorando, deixei de estar presente no dia-a-dia da sala de aula e foco-me mais em investigação, publicações, exposições – o que me permite estar cá mais tempo.

E porquê na Ribeira de Santarém?

Nós decidimos voltar para Portugal porque nasceu o nosso primeiro filho e queríamos dar a possibilidade aos meus pais de estarem próximos dos netos. Começámos então a procurar, em Portugal, um sítio que nos desse uma qualidade de vida parecida com que a que tínhamos na Suíça. Percebemos que Lisboa, onde moram os meus pais, não nos podia dar isso. Então desenhámos no mapa de Portugal um círculo, com centro em Lisboa, de modo a percebermos até onde é que podíamos viver estando a 45 minutos de comboio do centro de Lisboa. Marcámos dois sítios muito interessantes; Caldas da Rainha e Santarém. Caldas da Rainha está, teoricamente, a 45 minutos de comboio de Lisboa, mas a ligação de comboio é impeditiva. Na Ribeira de Santarém estamos a 31 minutos da estação do Oriente.



Meia hora é a distância de comboio de Lisboa a Cascais.

É isso! Eu trabalhava em Zurique e vivia em Basileia, fazia duas horas todos os dias. Percebemos também que aqui havia preços acessíveis, interesse histórico e uma qualidade altíssima da matéria construída, o que nos fascinou. Viemos cá e, passados 10 minutos, já sabíamos que queríamos comprar a casa.

A tua vida profissional também te permite estar em teletrabalho, optar pelo trabalho à distância.

Não é bem teletrabalho. Não é preciso picar o ponto todos os dias, mas há períodos de presença intensiva. O que fazemos é passar temporadas largas na Suíça e outras temporadas cá. Efetivamente, passo cerca de 60% do ano na Suíça.

Qual é o impacto que este teu espaço de trabalho tem na tua vivência diária – ou melhor, na “vossa vivência diária” porque, no fundo, tu tens o teu espaço de trabalho dentro da tua casa.

Sim. Nós não tínhamos grandes opções para criar um espaço fechado – o que teria sido o ideal em termos de barulho e para não termos as crianças a aparecerem nas reuniões de zoom. O que eu acabei por fazer foi mudar o escritório para uma casa em ruínas dentro da mesma propriedade – o que funcionou lindamente.

E aproveitas o espaço exterior da casa para as pausas?

Sim, sim. Durante o dia troco de profissão três ou quatro vezes. Quando acordo sou técnico de limpeza infantil; depois sou carpinteiro durante meia hora; depois trabalho quatro horas para o doutoramento; depois faço jardinagem, depois volto a trabalhar para a ETH mais quatro horas; depois mais uma vez carpinteiro, sempre em casa mas fora de “casa”. Talvez todos façamos o mesmo, mas o facto de ter estas espaços tão claramente demarcados, torna a percepção destes diferentes papéis muito nítida.



E achas que isso tem um efeito benéfico no teu trabalho?

Sim, permite-me ter uma certa distância sem me tirar a possibilidade de voltar a pegar no trabalho em minutos, sem estar dependente de viagens. Posso estar a preparar peças de soalho enquanto penso como é que o texto vai ser estruturado e, a seguir, voltar a sentar-me ao computador, mais bem-disposto e com energia redobrada. É um privilégio, mas poderia ser a norma.

Há pouco falavas do tempo para as deslocações, mas, estando em teletrabalho, não tens essa questão diariamente, mas somente quando tens de te deslocar à Suíça. Qual é o impacto que essas deslocações têm na tua vida profissional? Vais de comboio?

Sim, são três dias de viagem. Permite-me trabalhar durante a viagem quando viajo sozinho. Quando vamos em família, permite mostrar aos nossos filhos o custo e o impacto de andar de um lado para o outro.

E lá tens o mesmo desafio da vida familiar e da vida profissional?

Sim, pois ficamos em casa dos meus sogros.

E ficas a trabalhar em casa dos teus sogros?

Sim, mas menos. Lá tenho reuniões com editores, tenho de visitar instituições parceiras, de apresentar livros, de fazer investigação ou dar aulas.

Estás em que ano do teu doutoramento?

No segundo ano.



Comparativamente com outros doutorandos, aqui em Portugal, imagino que tenhas condições diferentes.

Eu sou contratado como doutorando, num programa entre a EPFL de Lausanne e a ETH de Zurique. Recebo um ordenado para produzir investigação (70% do meu tempo) e para trabalhar para a cadeira (30%).

Em comparação com os teus pares, doutorandos nacionais e internacionais, pergunto se achas que esta opção de trabalho te permite ter condições de trabalho justas e equilibradas.

Sim. Embora haja contrapartidas: por um lado, durante uma parte do ano temos um custo de vida bastante mais baixo do que o custo de vida do país onde o ordenado é pago. Por outro lado, devido a estarmos cá, eu sou a única fonte de rendimento na nossa família.

Onde é que tu te vês daqui a 10 anos? A trabalhar aqui, em Portugal, ou fora do país?

Se esta casa ainda existir, acho que continuar a trabalhar aqui seria bom, mas se vou estar a trabalhar para Portugal, não sei. Há todo o interesse para a ETH e para a EPFL que sejamos académicos ou investigadores de sucesso, mas não necessariamente nos quadros destas instituições...



Há uma aposta da ETH no investigador?

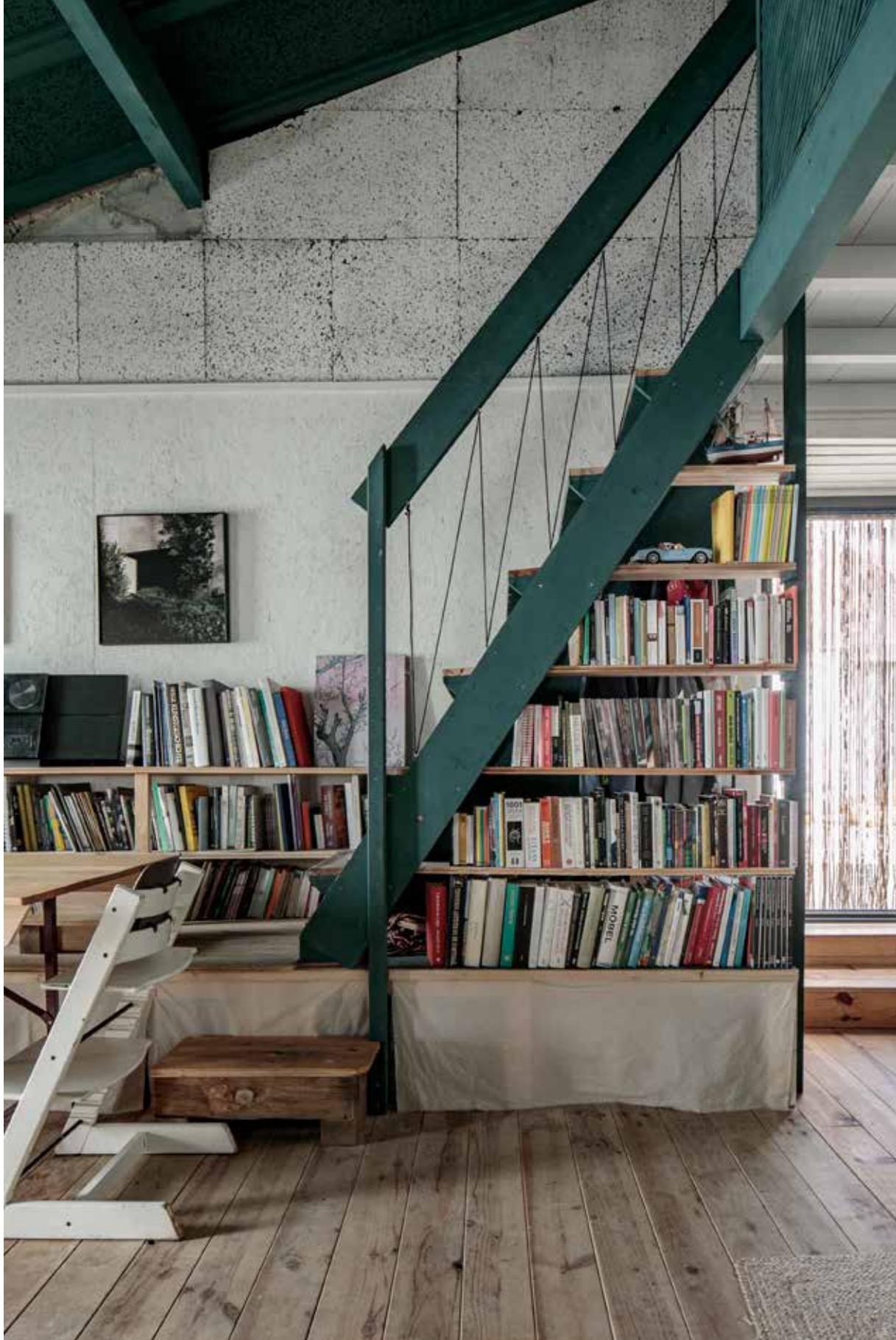
Sim, muito forte, mas com um “senão”. Para ser professor no departamento de arquitetura na ETH, são necessários dois elementos: obra que seja muito convincente—sendo este o item mais relevante—e um plano concreto de investigação para os anos de ensino. Ao contrário do modelo de universidade europeia, não é necessário o doutoramento. Com o meu perfil, a probabilidade de ser professor na ETH daqui a 10 anos é praticamente nula.

Então daqui a 10 anos serás...

Se calhar sou professor noutra sítio. Eu gostaria de continuar a aprender e a ensinar no meio académico até como forma de voltar a ter um papel mais ativo na prática de projeto.

Fala-me da ideia que está por detrás da reabilitação da tua casa e do teu espaço de trabalho.

O nosso papel é intervir o mínimo possível, perceber o que “é” o aqui e o que “há” aqui. O projeto para estas casas resulta de um exercício de raio: para um problema procura-se a solução no contexto imediato e, quando esta não existe, alarga-se o raio de procura, em termos materiais e conceptuais. Por exemplo, o problema do isolamento térmico e do controlo da humidade: o uso da cortiça resulta do critério de usar somente materiais naturais e locais – tem um comportamento térmico, acústico e de qualidade do ar fantásticos, vem de árvores Ribatejanas, é transformada em Benavente e transportada da fábrica para aqui. Serve! Esta análise foi seguida para a estrutura, as janelas, etc. Queríamos visitar os materiais e as técnicas sem preconceitos, desligados de uma preocupação central com a procura da beleza do gesto ou a poesia do espaço.



Não tens essa preocupação da beleza no resultado arquitectónico?

Sim, mas a beleza nunca é argumento para comprometer outros critérios. No fundo, não aceitamos “either/or”, queremos tudo. Quando os critérios do projeto são “corretos”, a beleza emerge. A cozinha é uma peça que foi escolhida por ser prática e de montagem imediata, mas, quando olho para esta peça neste contexto, acho que é bonita. Uma escolha motivada por princípios que seguem uma lógica diferente da procura da beleza, pode levar ao alcance da mesma. Para nós, a questão essencial é outra: O que temos? O que é preciso resolver? Dentro destas limitações, como é que podemos atingir o máximo de todos os critérios, incluindo beleza? O que justifica as nossas opções é a percepção de que temos uma responsabilidade enorme perante a situação atual.

A tua maior preocupação é ambiental?

Não, é social. O que, implicitamente, acaba por ser ambiental. A minha esposa faz parte do movimento Slow Food. O lema desta organização é “Bom, Limpo, Justo”. Este lema, articulado com ideias de Paulo Freire, Baudrillard e Cedric Price, acabou por servir como linha orientadora do projeto. Defendemos que a cultura é o que define a forma como nos apropriamos do material e imaterial. Na sociedade de consumo em que nos inserimos, o poder que temos é o de escolher onde colocamos o nosso dinheiro. Ao escolher trabalhadores locais, aceitamos eventuais limitações em termos de preço e em termos de cultura de construção. É dentro destas limitações que o projeto aparece, que novas soluções ancoradas num saber local podem emergir, que uma identidade se pode afirmar. Voltando à tua questão anterior, a nosso ver, dissociar a responsabilidade social da procura da beleza é negar o que define o ser humano.